

REPRESENTAÇÃO DE PRÁTICAS DE LEITURA NO ACRE: UMA LEITURA DO ROMANCE SERINGAL, DE MIGUEL FERRANTE

PAMELA CLIVELA ANASTACIO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE).

Resumo

É possível através da leitura de textos literários representativos compreendermos melhor o universo em que vivemos. A proposta desta comunicação visa partilhar análises parciais que dizem respeito à representação de práticas de leitura, no romance "Seringal", de Miguel Jerônimo Ferrante. Para esse fim, evidenciaremos, no romance, as práticas representadas, através do percurso do personagem Toinho, um menino "perdido" no meio da imensa floresta que sonha em poder aprender a ler e escrever, legítimo representante, na ficção, do nordestino que foi do sertão para a Amazônia, em busca de sobrevivência. A fundação da escola no seringal Santa Rita gera alegrias, expectativas, frustrações e, por fim, muitas tristezas. Ela seria, como descreve o narrador, um poderoso foco de luz que há de se irradiar por todo vale, redimindo para a cultura os irmãos seringueiros: a árvore do saber. Entretanto, a situação não agrada o Coronel, pois seringueiro alfabetizado, segundo ele, é ameaça aos negócios. Daí, como na realidade amazônica, a interdição ao mundo letrado. Nosso trabalho demonstrará, ainda, os métodos de alfabetização utilizados pela professora que vão desde a carta do be-a-bá aos castigos físicos. Toinho não conhecia o mundo. Se pelo menos aprendesse as letras o conheceria. Mas o destino acaba sendo contrário às suas vontades. Apanhar para aprender a ler e escrever não lhe chamava a atenção. Assim cai na desmotivação e no imobilismo atávico. Esta comunicação buscará, por fim, analisar, pelo viés adotado, a constituição do sujeito leitor nos seringais acreanos.

Palavras-chave:

REPRESENTAÇÃO, PRÁTICAS DE LEITURA, LITERATURA AMAZONICA.

O objeto, o intuito e o método

É possível, através da leitura de textos literários representativos, compreendermos melhor o universo em que vivemos. Este estudo é parte de uma dissertação intitulada *A REPRESENTAÇÃO DAS PRÁTICAS DA LEITURA NA AMAZÔNIA ACREANA: UMA LEITURA DOS ROMANCES "SERINGAL", DE MIGUEL JERONIMO FERRANTE E "UM VELHO QUE LIA ROMANCES DE AMOR", DE LUIS SEPÚLVEDA*, que vem sendo desenvolvida por mim no mestrado em Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC) com vínculo ao Grupo Amazônico de Estudos da Linguagem (GAEL).

Objetiva-se através deste estudo investigar o jogo da representação das práticas da leitura presentes no texto literário ficcional que traz como temática o "ciclo da borracha"¹ sem desconsiderar os espaços em que os personagens estão inseridos. Isso porque supomos que as práticas da leitura ocorrem nos espaços e nos lugares onde os personagens se movimentam e interagem entre si. Todavia, tal artefato só se torna possível devido o complexo e rico imaginário cultural amazônico, com suas marcas discursivas.

1. Nesta fase temos o "Modernismo" amazônico. Com o grande *Boom* da borracha ocorrem vários processos de desterritorialização e re-territorialização de homens e mulheres em busca de uma sobrevivência no seio da floresta.

Trabalhamos à luz dos discursos propostos por Roger Chartier assim como outros teóricos que versam sobre as práticas da leitura. Partindo deste ângulo paradigmático, buscamos investigar como ocorrem os processos de aquisição de uma das habilidades tidas como essenciais para que se considere uma pessoa inserida no mundo "letrado", ou seja, os processos de "aprendizagem" da leitura em meados do século XX por meio do romance citado anteriormente.

Ao falarmos em textos literários representativos nos referimos à literatura em sua semântica própria. Conforme COUTINHO (1969) a literatura corresponde a um conjunto de saberes e habilidades que permitem ao indivíduo ler e escrever. Do mesmo modo é a escola, pois conforme HEBRARD (2001) para a escola, a possibilidade de aprender a ler e, conseqüentemente a escrever é algo em constante evidência. Essa seria, em suma, uma tentativa de colocar na memória, à força da repetição uma combinação elementar da qual nos servimos para transformar os signos escritos em sons e/ou vice-versa. Para o teórico na escola a criança não aprende a leitura, mas adquire maneiras de ler que aí se expressam.

Neste ato de revelação e descoberta ocorrida através de nosso ato de pesquisar, a obra em análise nos revela dois mundos: "o mundo do texto e o mundo do leitor". Observa-se, no entanto, que a presença de sujeitos leitores no romance não é uma constante. Todavia, não se nega aqui a existência do texto em si, pois como postula CHARTIER (1998) um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado. Ou seja, faz-se necessário a presença do "outro", que é o leitor. Só assim o texto ganha razão de ser e, concomitantemente, passa a existir. Desse modo, texto e leitor se fundem e denotam sentido apenas em conjunto.

Um pouco de história

Para situar-se ao noroeste do Brasil, fazendo fronteira com o Peru e a Bolívia, em meio a floresta amazônica, o Acre, para fazer parte do território brasileiro não foi diferente de tantos outros estados que fez de tudo para se manter independente. Durante anos teve que enfrentar grandes momentos de guerras e conflitos. Um processo penoso de muito suor e sangue derramados. O que mais chamava a atenção na região era a grande quantidade de seringueira².

Muitos curiosos ingressaram na região em busca de conhecer seus segredos. Euclides da Cunha que foi um dos que esteve na Amazônia acreana no ano de 1905 a mando do governo brasileiro, postula em seu livro *À margem da história*, que este lugar, lá pelos anos de 1870, "não passava de uma vaga expressão geográfica" o que mais tarde pelos idos do século XX se torna um "espaço com mais de cem mil almas ressuscitadas" composta, em grande parte de nordestinos que não tinham escolhas: ou vinham para a floresta ou partiam para a guerra ou morriam na seca.

Não havia dúvida de que um interesse muito maior girava em torno de uma tamanha leva de homens em um espaço nunca antes visitado e que após três décadas se torna palco de grandes passagens e errâncias. Com sua tamanha exuberância a região começa a chamar atenção de todos e é aí que Brasil e Bolívia travam uma guerra pela conquista do espaço. A descoberta do processo de elasticidade do látex realizada por Charles Goodyear no ano de 1839 a borracha natural torna-se a grande atração do momento despertando o interesse das indústrias automobilísticas e elétricas. Cresce a ambição do capital internacional

sobre a região até então desconhecida e a mesma acaba sendo o foco de luz para muitos.

2. Arvore conhecida cientificamente como *Hevea brasiliensis* da qual se podia extrair o látex que depois de defumado se transformava em pelas de borracha e era exportado internacionalmente.

O *Boom* da borracha fora tão surpreendente que até mesmo Ferreira Reis em seu livro *Seringal e seringueiro*, conta que já em 1827 o Brasil exportava somente trinta e uma toneladas de borracha natural, em cinco décadas depois o numero cresce avançadamente passando para dezesseis mil toneladas. Em meio a toda essa movimentação centenas de homens migram para a região. Começa-se uma nova vida no seio da mata fechada.

Os povos que povoaram a Amazônia acreana em meados do século XX vieram de todo lugar do mundo, do Pará, do Maranhão, do Amazonas, do Ceará, da Itália, da Inglaterra pensando em encontrar a "Terra prometida", o El dorado. Todavia, o que encontraram foi um espaço gigante repleto de feras, doenças, perigos e um regime explorador imensurável. As causas da migração foram as seguintes ³:

- Ø "O desenvolvimento capitalista na Europa e nos estados Unidos, que exigia a 'goma elástica' na qualidade de matéria prima, como condição de fazer avançar a nascente indústria de pneumáticos;

- Ø A dominação absoluta do latifundiário nordestino que, necessariamente, provocava um ininterrupto e continuo êxodo rural em direção às principais capitais nordestinas;

- Ø E a seca de 1877, cujas conseqüências agravaram drasticamente as condições de vida da população rural, ensejando uma migração de proporções gigantescas."

3. *História da Diocese de Rio Branco. 1878-2000 (p.21)*

A vida no seringal era uma monotonia. Todos os dias o seringueiro tinha que sair para seu "trabalho" antes mesmo de o sol mostrar sua face. Sapatos de borracha, rifle ao lado, na cabeça uma poronga, faca na mão e terçado na cintura assim partia ele rumo à tarefa diária e ardente. Durante toda a manhã dava uma volta completa pela imensa e assustadora floresta com suas matas fechadas e árvores enormes cortando as seringueiras que encontrava. De tarde começava tudo de novo. Era hora de recolher o "leite" que caíra nas tijelinhas que deixava enfiada nas seringueiras e apressar o passo para defumá-lo antes que coagulasse e todo trabalho fosse em vão afinal eram quinze horas de trabalho árduo.

A extensão dos seringais não se dava para calcular. Sob o domínio dos seringalistas ⁴ eram estruturados da seguinte forma: Seringueiro, que extraía o látex; Guarda-livros, o administrador; os cargueiros e comboieiros, responsáveis pela entrega das mercadorias aos seringueiros em troca das pelotas de borracha; o caixa, que vendia no barracão e os regatões, que eram uma espécie de vendedor ambulante e que se tornava uma ameaça ao patrão devido o preço de suas iguarias serem bem menor.

Os anos se passaram e teve-se início à decadência da borracha. A riqueza que havia reinado na região fora se liquidando devido a má distribuição dos ciclos nos seringais.

Em 14 de Julho de 1899 o Acre fora declarado independente e vencida a grande guerra entre brasileiros e bolivianos o "acordo" chamado Tratado de Petrópolis⁵ incorpora o Acre ao Brasil onde até o momento era "propriedade" dos bolivianos.

A questão da origem do nome Acre gera até hoje várias indagações. Para alguns escritores da região o nome Acre estaria ligado ao modo como a tribo Apurinã nomeava o rio Acre, wakur. No entanto, com a inserção dos exploradores na região o nome fora modificado várias vezes passando pelos seguintes significantes iquiri, aquiari, acari, até o momento em que chegou no termo Acre, como assim ficou conhecido de fato.

4. Dono ou arrendatário do seringal. A sede administrativa do seringal era chamada de barracão, que tinha entre outras finalidades fornecer mantimentos aos seringueiros em troca da borracha produzida.

5. Tratado assinado entre o Brasil e a Bolívia, após o fim da "Revolução acreana", onde reconhece e incorporando o Acre ao Brasil.

Situando o autor e a obra

O escritor Miguel Jerônimo Ferrante nasceu em Rio Branco (AC), no dia 3 de março de 1920 e falecendo em Brasília, no ano de 2001. Diplomado em Direito em 1945, pela faculdade de Direito do Pará chegou a Ministro do Superior Tribunal de Justiça, onde até então havia exercido outros cargos como: Assistente Jurídico, Assessor de Gabinete do Ministro de Justiça, Consultor Jurídico e Juiz do Tribunal Regional Eleitoral. Mas sua vida não se resumia somente aí. Apaixonado pela literatura escrevera vários romances, crônicas e até novelas. Publicara muitos artigos em revistas. Mas tudo valeu a pena e a recompensa veio depois com a fidelidade dos leitores e os prêmios de condecoração, onde ao todo, somam-se quatorze da qual uma recebera como Mérito Cultural pela Universidade Federal do Acre.

O romance *Seringal* foi uma das suas mais belas obras. Romance permeado de tendências literárias, onde sobressai-se a tendência naturalista. Tendência esta que

versa pelo individualismo e pelo real sensível dando à literatura um caráter de documentário enfocando as mazelas humanas vivenciadas em meados do século XX.

Obra de grande singularidade que junto com "Terra Caída" do escritor José Potyguara serviu de base para que a escritora Glória Perez fundamentasse a minissérie *Amazônia, de Galvez a Chico Mendes*.

A maioria dos momentos vivenciados pelos personagens de *Seringal* ocorrem no seringal Santa Rita localizado no Vale do Acre, sobre o comando do coronel Fábio de Alencar, pelos idos da década de 40, do século XX, onde o Acre vivencia o último Ciclo da Borracha.

A ação se desenrola no instante em que Toinho, personagem principal chega ainda adolescente à sede do Santa Rita da qual seu padrinho era dono. Desse modo fica sob os cuidados do padrinho. A grande tensão da narrativa se dá quando a personagem Paula é violentada pelo filho do coronel e vai aos poucos ficando debilitada. O menino passa a conhecer aquele universo marcado por violentas paixões, por injustiças e crimes.

Outros personagens que ganham destaque ao lado de Toinho são: Paula, Cazuzo, o velho Mané Lopes, Coronel Fábio, Margarida, Amâncio, Lina, Pedro Câmara, Zé Leite, Padre José, Carlinhos, Ademar e Raimundão

O ambiente cuja narrativa se passa é plenamente marcado por violentas paixões racionais, por um mundo cheio de mistérios, de incertezas, de ambição, de sensualidade. Esses sentimentos que dão gênese ao ambiente podem ser observados em cada personagem, que por sua vez, compartilham os desejos de renovar, de "criar", de tornar verdadeira, no seio da mata, as relações tanto sociais quanto culturais. Temos então um ambiente mergulhado em tristezas, sofrimentos, lutas por dinheiro, um regime ditatorial e trabalho semi-escravo.

Entrando no foco: Os processos de aquisição da leitura

Considerando a leitura uma prática cultural, tomamos como referencial teórico a noção de representação. Tal possibilidade investigativa se configura porque, no decorrer da pesquisa e no tratamento dado ao objeto, percebemos que no romance *Seringal* 'aparecem', se revelam, uma prática de aquisição da leitura que são, sobretudo, práticas representativas de múltiplas situações e configurações de uma determinada época.

No romance *Seringal* o personagem principal, Toinho, é um menino "perdido" no meio da imensa floresta que sonha em poder aprender a ler e escrever. A fundação da escola Santa Rita em meio ao seringal torna-se motivos de alegrias, expectativas, frustrações e, por fim muitas tristezas. Alegrias porque agora os filhos dos seringueiros poderão aprender a ler e escrever e tristezas porque nem todos podem ter acesso à escola devido a distância. A escola é fundada por Dona Clara a esposa do Coronel que em primeira instância se opõe à decisão da mulher. Para ele a criação daquela escola não tinha nenhuma importância: "Seria um desperdício de tempo e dinheiro... De que serviria uma escola? Fazer uma dispersão pra ensinar meia dúzia de bugres das redondezas, torturá-los com o bê-á-bá..." (2007, p. 37)

Era nisso que implicava a escola para o coronel. Observa-se o modo como tratava os seres que ali habitavam. Para ele não passavam de animais (bugres), selváticos, que deviam viver mingando. Sem direito a escola. Sem direito a vida.

Mas a mulher insistiu no propósito e o Coronel cedeu a iniciativa. Caso não desse certo a escola em breve se transformaria em depósito para guardar castanha ou outras mercadorias: "A casa foi construída ao lado do armazém. Um retângulo de madeira, coberto de zinco, sala ampla, com cadeiras, quadro negro, dois mapas, um do Brasil, outro do Acre, pendurados nas paredes caiadas." (p. 38)

A cartilha do ABC e o caderno eram agora a ferramenta de trabalho daquelas crianças. Elas realizariam o sonho que seus pais não puderam realizar. A escola começara com dez pequenos aprendizes. No começo era uma grande festa. Uma euforia para ir à escola. Contudo toda emoção foi acabando e as crianças eram agora obrigadas pelos pais a freqüentarem as aulas e caso não fossem, apanhavam. Método este um tanto quanto contraditório visto que castigos e obrigações não despertam o desejo de nenhuma criança pelos estudos. Eles não gostavam mais de estudar: "Chegando e ansiando pela hora da saída. Quando a lição termina, é como se abrissem a porta de uma gaiola a um magote de aves prisioneiras." (p.39)

A iniciativa da esposa do coronel foi elogiada por todos. A notícia se espalhou como rastilho de pólvora. Ela, a escola, seria agora "*Um poderoso foco de luz que há de se irradiar por todo vale, redimindo para a cultura os irmãos seringueiros*", "*A boa arvore do saber*". (*Seringal* p.41) Mas ao coronel não interessava seringueiro alfabetizado, pois para ele seria uma ameaça aos negócios. Conforme postula FREIRE (2001) tal comportamento corresponde a uma interdição ao mundo letrado.

Os seringueiros que moravam longe nos "centros" distante da escola já pensavam em mudar-se pra margem ou mandar os filhos morarem com alguém em alguma colocação próxima a escola. A tristeza da distância seria recompensada mais tarde com a alegria de ver os filhos lendo e escrevendo. Mas as condições eram escassas e a escola foi ficando "na rotina das inutilidades". O sonho caíra por terra e a escola ficou no esquecimento. Ir à escola "não se paga a pena, é muito sacrificioso", "Vive-se mesmo sem saber ler" (*Seringal* p.32). As crianças do centro quando vão à margem se encantam com o novo espaço construído:

Ficam ali, parados, pequenos bichos tristes, um tempão. Crianças sem infância, sem adolescência. Crianças velhas. Não conhecem o A. Mas usam a faca e disparam a espingarda com segurança. Atiram com precisão matemática. Muitos já cortam a seringa. Magros, empapuçados, desnutridos. (p.43)

A questão da aquisição da leitura era algo estritamente restrito. O coronel e sua família eram letrados sabiam ler e escrever. Assim como Cazuzu, o guarda-livros. Porém, os seringueiros não podiam usufruir de tais habilidades.

Toinho pensava em freqüentar as aulas na escola Santa Rita. Seu sonho era ser inteligente como Seu Cazuzu, única pessoa que lhe incentivara. Assim se imaginava escrevendo grossos livros, dotado de todo saber e inteligência usando seus óculos de lentes claras ("para ele pessoas importantes usavam óculos") tendo como recompensa o respeito de todos. O menino passou a freqüentar as aulas na escolinha com outras doze crianças todas uniformizadas com calças curtas e camisas de riscado. Desse modo "lutara para meter na cabeça a carta de ABC, a mão pesada lutando para desenhar as letras."

Os métodos utilizados pela professora eram totalmente repressivos. A palmatória era utilizada sempre que a lição não era feita conforme mandava a ministrante. "Sobre a mesa a palmatória de maçaranduba pesada, uma comprida régua de cedro, apagador e giz." (p.50). Ao chegar na escola: Um por um parava um momento diante da velha, estendia a mão direita espalmada, os dedos unidos, e pedia a benção. Em seguida, dirigia-se para o seu lugar, arrastando pelo piso de cimento os sapatos de seringa. (p.50)

Com um olhar autoritário e poder soberano a professora começava a lição em coro monótono:

B com A, BA

B com E, Bé

B com I, Bí

B com O, bo

B com U, bu...

Qualquer distração a

régua descia-lhe na cabeça. (p.51)

Depois das letras era hora da tabuada:

2 e 1, 3

2 e 2, 4

2 e 3, 5... (p.51)

A sabatina era o que mais atormentava os pequenos, pois era a pior das atividades. A roda se fazia em torno da sala em volta da professora:

Ela as interrogava de um por um, cirandando de uma a outra extremidade do círculo, um tempão... Quem acercava castigava os demais.

- 2 e 2?

- 4

- 3 e 5?

- 8

- 6 e 3?

O garoto titubeava, gaguejava. E dona Joana passava a pergunta adiante.

- 9.

- Certo. "Casca" o bolo nele. (p.51)

e tinha que ser com bastante força, pois caso ao contrário a professora iria "supliciá-lo".

Quem não aprendia pegava castigo. Dentre eles as crianças eram submetidas a ficarem de joelhos sobre grãos de milho, ou com uma cadeira pesada sobre a cabeça durante horas em frente da escola. Episódios como esses fizeram com que Toinho desistisse de aprender as letras, pois apanhar para aprender a ler e escrever não lhe chamava atenção e já que não tinha ninguém que lhe apoiasse deixou de freqüentar as aulas.

Durante algum tempo oscilou entre voltar ou não aos estudos, mas quando lembrava dos castigos da professora o interesse se perdia no vento. E lembrava da voz da professora dizendo: "Tu és um peste! Não adianta. Quem nasce para cangalha, não pega sela." (p.52) Desse modo caiu na desmotivação. Seu sonho agora é conhecer Rio Branco. A capital. O único mundo que o menino conhecia era aquele que estava ao seu redor. Um mundo repleto de bichos, seringueiras e violências. Toinho não conhecia as letras, mas independente de não saber ler sabia se comunicar, se fazer entender. Ele poderia não ser respeitado como o coronel e o guarda-livros. Mas havia algo mais dentro de si: o desejo de ser alguém, de aprender a ler em outro momento sem aqueles castigos e tanta violência.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BARBOSA, Sidney. *A representação da natureza no romance francês do século XIX* / tese (livre docência). UNESP. Araraquara (Faculdade de Ciências e Letras, 2005)

CHARTIER, Roger, *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* / Roger Chartier; Trad. Mary Del Priore - Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2ª Ed., 1998.

----- *A História Cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

----- *Práticas da leitura*. (org.). 2ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COUTINHO, Afrânio. *A era Realista*. In: *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: americana, 1969.

FERRANTE, Miguel Jeronymo, 1920 - 2001. *Seringal*. Romance / Miguel Jeronymo Ferrante; prefácio de armando Nogueira. 3ª Ed., - São Paulo: Globo, 2007.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. *Historia Do Acre: novos tempos, nova abordagem*. Rio Branco, Editor Carlos Alberto Alves de Souza, 2002.